

Sumário

M828 Morales, Walter Fagundes e Moi, Flavia Prado (orgs.).
 Tempos ancestrais. / Walter Fagundes Morales e Flavia Prado Moi (orgs.). Prefácio de Solange Bezerra Caldarelli. – São Paulo: Annablume; Ilhéus: NEPAB/UESC, 2012.
 312 p., il.; 16x23 cm.

ISBN 978-85-391-0470-3

1. Arqueologia. 2. Arqueologia Brasileira. 3. Diversidade Humana. 4. Arqueologia Regional. 5. Arqueologia Histórica. I. Título. II. Núcleo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Bahia/Universidade Estadual de Santa Cruz. III. Morales, Walter Fagundes. V. Vialou, Agueda. V. Vialou, Denis. VI. Araújo, Astolfo Gomes de Mello. VII. Neves, Walter Alves. VIII. Pellini, José Roberto. IX. Gaspar, Maria Dulce. X. DeBlasis, Paulo. XI. Dias, Adriana Schmidt. XII. Moi, Flavia Prado. XIII. Bertrand, Daniel. XIV. Poggetto, Luiz Roberto Dal. XV. Schaan, Denise Pahl. XVI. Pässinen, Martti. XVII. Saunaluoma, Sanna. XVIII. Barbosa, Antonia Damasceno. XIX. Ranzi, Alceu. XX. Migliacio, Maria Clara. XXI. Oliveira, Jorge Erenutes de. XXII. Zatrarkin, Andrés. XXIII. Senatore, Maria Ximena. XXIV. Caldarelli, Solange Bezerra.

CDU 930.26
 CDD 930.1

Catálogo elaborado por Ruth Simão Paulino

Projeto, Produção e Capa
 Coletivo Gráfico Annablume

Imagem da capa
 Fazenda Colorada, município de Rio Branco.
 Foto de Sanna Saunaluoma

Conselho Editorial
 Eduardo Penuela Cañizal
 Norval Baitello junior
 Maria Odjila Leite da Silva Dias
 Célia Maria Marinho de Azevedo
 Gustavo Bernardo Krause
 Maria de Lourdes Sekeff (*in memoriam*)
 Pedro Roberto Jacobi
 Lucrécia D'Alessio Ferrara

1ª edição: dezembro de 2012.

© Walter Morales e Flavia Prado Moi

ANNABLUME editora . comunicação
 Rua M.M.D.C., 217. Bicaantã
 05510-021 . São Paulo . SP . Brasil
 Tel. e Fax. (011) 3539-0226 – Televidas 3539-0225
 www.annablume.com.br

APRESENTAÇÃO07

PREFÁCIO 09

POVOAMENTOS NA AMÉRICA DO SUL ANTERIORES À BARREIRA CLÓVIS.....15

Águeda Vilhena Vialou e Denis Vialou

A OCUPAÇÃO PALEOÍNDIA DO SUDESTE BRASILEIRO: LAGOA SANTA E ALÉM.....47

Astolfo G. M. Araújo e Walter Alves Neves

A VIDA TODA VOU FALAR “UAI”. A OCUPAÇÃO HUMANA NO CENTO-OESTE BRASILEIRO.....73

José Roberto Pellini

A OCUPAÇÃO DA COSTA BRASILEIRA PELOS SAMBAQUEIROS: UMA SÍNTESE DAS PESQUISAS99

MaDu Gaspar e Paulo DeBlasis

A ocupação da costa brasileira pelos sambaquieiros: uma síntese das pesquisas

MaDu Gaspar e Paulo DeBlasis

Desde o início da pesquisa arqueológica no Brasil, os sambaquis têm despertado o interesse dos estudiosos. Um grande debate envolveu a comunidade científica brasileira quando se discutia se este tipo de sítio arqueológico era o resultado de formação natural ou decorrente da ação humana (Gaspar 2000). Esqueletos, especialmente crânios, provenientes de sambaquis foram privilegiados em detrimento de outros materiais e, ao lado dos restos esqueléticos do “homem de Lagoa Santa”, forneceram subsídios para os primeiros trabalhos de antropologia realizados no Brasil, que datam da década de 1860 e são marcados pela influência de autores franceses e alemães, especialmente os veiculados através das publicações da *Société d'Anthropologie* de Paris e dos trabalhos de Brocca, Topinard, Quatrefages e Virchow. Trata-se de uma vertente hoje denominada Antropologia Física ou Biológica, sendo a principal área de pesquisa a cranilogia, fortemente influenciada pelas teorias raciais deterministas (Seyferth 1985).

Em um segundo momento, que se inicia por volta de 1950, os estudos se voltam para a elaboração de tipologias de sítio e seu ordenamento em tradições arqueológicas representando, assumidamente, entidades culturais distintas. No que se refere aos sambaquis, as estruturas funerárias, sempre mencionadas nas obras que apresentam os resultados de escavações, não são tomadas como um elemento importante na caracterização dos sítios. Como

os outros aspectos abordados, sepultamento é apenas mais um “traço” a ser levado em consideração. A atenção se foca no abundante material faunístico presente nos sambaquis, que se assume corresponder a restos de cozinha, sendo os sítios costeiros, portanto, locais de moradia.

Entre a produção característica desse período cabe destacar a síntese, amplamente mencionada na bibliografia, divulgada por Serrano (1946) no *Handbook of South American Indians*. O autor trata da forma, da estrutura e dos artefatos que caracterizam as “culturas e raças” que ocuparam o litoral brasileiro. O foco nos artefatos, na distribuição dos sítios ao longo da costa e na relação com culturas interiores leva a propor divisões regionais e cronológicas e a vincular a “cultura arcaica” do litoral à assim chamada cultura do “Homem de Lagoa Santa”.

Só ocorre ruptura com a maneira de perceber os sambaquis por volta da década de 1980. Neste período, a ingenuidade acerca dos vestígios faunísticos, sempre tomados à primeira vista, o que fez acreditar durante muitos anos que os moluscos eram a base da dieta sambaqueira, foi rompida por meio de novos estudos sobre dieta alimentar envolvendo a leitura dos mesmos materiais tantas vezes investigados – os próprios restos faunísticos. Agora, porém, estudados de maneira inovadora por Levy Figuti (1992) que, pela primeira vez, trata o próprio sedimento como artefato e analisa, de maneira minuciosa, a composição das camadas que integram os sambaquis e, com essa abordagem, destaca a precedência do pescado em relação aos moluscos. Esta abordagem encontraria confirmações posteriores e acabou por demolir, definitivamente, a arraigada – e um tanto simplória – noção de evolução dos sambaquieiros, de uma economia de coleta de moluscos para a pesca.

Em um momento seguinte um leque bem mais amplo de temas passa a ser abordado pelos estudiosos de sítios do litoral. Sistema de assentamento, hierarquia entre sítios, circulação de informação entre ocupantes de diferentes sambaquis, manejo e domesticação de vegetais, festim fúnebre, demografia e organização social, são temas investigados em diferentes áreas costeiras (Tenório 2003; Scheel-Ybert 1998; Gaspar 1991a; Souza 1995; Lima & Mazz 2001). Nesse mesmo período realizam-se os primeiros estudos regionais sobre sambaquis, enfocando sistemas de assentamento e as características funcionais destes sítios¹.

Barreto (1988) estudou os sambaquis fluviais do médio vale do rio Ribeira, em São Paulo, pequenas estruturas monticulares formadas principalmente por carapaças de *Megalobulimus sp.*, repletas de fauna terrestre – e sepultamentos humanos e Gaspar (1991a) estudou a distribuição espacial, o conteúdo e a morfologia dos sambaquis da Região dos Lagos, no Rio de Janeiro.

Na atualidade, há uma tensão característica ao momento, em que a disciplina abraça duas perspectivas percebidas como opostas: 1 – a existência de um conjunto de regras sociais comuns aos ocupantes da costa brasileira, e 2 – a presença de realidades sociais distintas e autóctones. Tensão que se assemelha a que ocorreu no início da arqueologia no Brasil, quando o debate entre a formação natural ou artificial dos sambaquis ocupava a cena científica.

Se no início da arqueologia brasileira se discutia se o sambaqui era uma formação natural ou artificial, no momento a comunidade de arqueólogos discute a ocupação da costa brasileira trabalhando com a oposição entre a existência de um único sistema sociocultural, com especificidades regionais e temporais, ou então realidades sociais isoladas, autóctones, que teriam se instalado ao longo da costa. Algumas reflexões neste sentido já haviam sido esboçadas, podendo-se considerar que a ordenação dos sambaquis e/ou camadas dos sítios através do sistema de fases e tradições, amplamente acolhido pelos pesquisadores brasileiros pode, também, ser entendido como uma tentativa de construir uma interpretação sobre a ocupação do litoral e identificar as especificidades de diferentes grupos culturais (ver Beck 1972 [2007], Dias Júnior 1980, Rauth 1968, 1976). Enquanto a maioria dos estudos procurou confrontar semelhanças e diferenças entre o conteúdo proveniente de escavações realizadas através de níveis artificiais, às vezes até mesmo confrontando sítios de diferentes regiões do Brasil, os estudos bioantropológicos compreendidos por Neves (1984a e b) e Neves *et al.* (1984) apoiados na identificação de traços não-métricos em materiais procedentes de sítios de Santa Catarina, tiveram como tema o entendimento do fluxo de populações na faixa costeira.

O estudo de Gaspar (1995), apoiado na síntese de fontes secundárias, identificou recorrências no registro arqueológico ao longo da costa brasileira, que foram tomadas como um traço diacrítico que permite estabelecer limites e fronteiras entre diferentes grupos sociais. Colocou em des-

1. Neste contexto as teses aqui discutidas de Barreto (1988) e Gaspar (1991) destacam-se e, não por coincidência, foram desenvolvidas na Universidade de São Paulo sob a orientação de Uljiano Bezerra de Meneses (Barreto 2000 e Guimarães 2003). Para uma síntese sobre os estudos voltados para o entendimento de padrão de assentamento ver Guimarães (2007).

taque regras sociais pertinentes aos sambaqueiros que resultaram em um registro arqueológico que informa sobre o hábito de construir morros e/ou pequenas elevações na faixa costeira e especialmente próximos de grandes corpos de água (lagoa, laguna, baía, rio). Estas elevações são o resultado do hábito de acumular material faunístico, especialmente moluscos. Destacou, sobretudo, a presença de esqueletos e/ou ossos humanos que indicam que este tipo de sítio era o espaço do ritual funerário. Inspirada no trabalho de Marcel Mauss (1974) sobre os esquimós, a autora propôs que tal conjunto de características genericamente homogêneas e recorrentes caracterizaria uma “individualidade coletiva”, cujas diferenças regionais e temporais estariam bem expressas nos estudos empreendidos na Região dos Lagos, Rio de Janeiro, e no entorno da paleolaguna de Santa Marta, Santa Catarina (Gaspar 1991, DeBlasis *et al.* 2007).

A proposta de Gaspar parte do princípio de que o espaço é um aspecto estruturador da vida em sociedade, de que existe uma estreita relação entre o que uma coisa é e o lugar no qual ela está situada. Esta premissa é particularmente reveladora no caso do sambaqui, que é o lugar do ritual funerário, o que fornece a este mesmo espaço uma dimensão sagrada (Gaspar 1995). Considera que os rituais funerários são episódios, ritos de passagem, como quer Van Gennep (1978), que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social e de idade e assim mobilizando, integrando e reordenando os membros de um grupo social; envolvem as pessoas e os segmentos sociais relacionados com o morto e estabelecem uma nova ordem social, na qual papéis são redefinidos e/ou confirmados. Em decorrência de sua relação intrínseca com a visão de mundo de cada cultura, os ritos são característicos e exclusivos a cada sistema sociocultural.

Na área da paleolaguna de Santa Marta, litoral sul de Santa Catarina, embora ainda não se tenha parâmetros demográficos para estabelecer o número de pessoas envolvidas na trama social, há indícios seguros de que a densidade demográfica era significativa e que ultrapassa em muito a que



Sambaqui Figueirinha, SC. Exemplo da monumentalidade desse tipo de sítio. Foto Madu Gaspar



Pesquisadores estudando a estratigrafia do sambaqui de Amourins, RJ. Foto Madu Gaspar

havia sido estabelecida pelas pesquisas do século passado (Fish *et al.* 2000). Levando em conta a circulação de informação ao longo da costa e a existência de unidades supra-regionais², é de se esperar que a morte de um dos membros da sociedade sambaqueira repercutisse em uma ampla região.

A morte parece ter sido um evento da vida social de suma importância para os pescadores-coletores e o cuidado com o corpo um costume característico dos ocupantes da costa. Dessa forma, o tratamento dos corpos era um domínio privilegiado e pode ser tomado como elemento estruturador da sociedade sambaqueira. É, também, o cerne de nosso argumento para propor que, ao longo da costa brasileira (ou, pelo menos, sua porção centro-sul), estava em ação um conjunto de regras que ordenava a prática social e que pode ser entendido como uma individualidade coletiva, certa-

2. A circulação da informação entre pescadores-coletores que habitaram a Região dos Lagos foi estudada por Gaspar (1991), sendo que a existência de unidades supra-regionais já havia sido aventada por Prous (1977) a partir do estudo de esculturas em pedra e em osso que ocorrem nos sambaquis do sul e parte do sudeste do Brasil.

mente com especificidades regionais e temporais, dinâmica e em constante adaptação à própria vida em sociedade. Não se pode esquecer também, por um lado, as especificidades advindas da constante adaptação às singularidades dos ambientes costeiros, dinâmicos e em constante transformação, assim como, por outro lado, o papel diversificador da interação social com outros grupos, certamente bastante diferenciados ao longo da extensa costa atlântica brasileira.

Se, por um lado, está evidente a existência de especificidades regionais - o que é sobejamente demonstrado pelas pesquisas na Região dos Lagos, Rio de Janeiro, e no entorno da Lagoa do Camacho, Santa Catarina - ainda não está totalmente estabelecida a variabilidade de tipos de sítio em uma mesma região.

São poucas as análises que enfocam sistemas de assentamento e investigam a função dos diferentes sítios arqueológicos. O estudo realizado na bacia hidrográfica do rio Una, Rio de Janeiro, indicou que nos sítios escavados desenvolavam-se as mesmas práticas sociais e que, portanto, eles tinham a mesma função no interior da unidade mínima de ocupação (Gaspar 2003). Já os trabalhos em desenvolvimento na lagoa do Camacho apontam a presença de sambaquis com a função exclusiva de cemitério. Os diferentes estudos desenvolvidos no Jabuticabeira-II informam que o sítio foi construído a partir da repetição durante anos, séculos, do ritual funerário. Ritual que, por ter como característica o acúmulo de material faunístico, acabou por formar o enorme sambaqui de Jabuticabeira II (Fish *et al.* 2000; Rick 2000; Benda-zzoli 2007; DeBlasis *et al.*, 1998, 2007; Klöckler 2001, 2008)³.

A caracterização de um sítio como cemitério, implica considerar que outro(s) assentamento(s) era(m) local de moradia. Impõe, também, reflexões sobre o sistema de assentamento dos sambaquieiros que, pelo menos no entorno da lagoa do Camacho, integra sítios com função diferenciada. A existência de função específica de alguns sambaquis ou de parte deles coloca a questão metodológica importante no que se refere ao poder informativo das amostras arqueológicas em análise. Por isso, em cada escavação cabe verificar se áreas em estudo são locais de moradia ou cemitério, caso contrário

a arqueologia do litoral pode estar estabelecendo comparação entre sítios com função diferenciada.

Uma dessas transformações sociais diz respeito a outro tema em estudo que é a desestruturação da sociedade sambaqueira, dando lugar à ocupação dos ceramistas na faixa litorânea. Considerando os movimentos populacionais que ocorreram por volta do início da era Cristã, sabe-se que o território dos sambaquianos foi invadido por grupos ceramistas provenientes da Amazônia e Brasil Central, os Tupi e Macro-Jê, respectivamente. Esta invasão parece ter sido o principal vetor de transformação do modo de vida dos pescadores-coletores que ocuparam a costa.

As referências cronológicas para a mudança no hábito de construir os sambaquis remetem a um período em torno de 2000 anos antes do presente. As mudanças observadas coincidem, em termos cronológicos, com uma reordenação espacial dos grupos sociais que ocupavam o leste da América do Sul. Em um momento inicial da colonização, por volta de 7000 e 2000 anos atrás, caçadores e sambaquianos tinham territórios bem distintos, os primeiros espalharam-se pelo interior e os segundos exploraram intensivamente a faixa litorânea. Não há indícios de estreita interação social e competição por territórios nesse período. Em torno de 5 mil anos atrás, mudanças sociais começaram a ser gestadas na região Amazônica e por volta de 2000 anos atrás, uma ebulição cultural ocorreu na região, envolvendo crescimento demográfico, mudanças profundas na economia e na organização social das populações. Dentre esses eventos, há o surgimento de grandes aldeias na Amazônia, Brasil Central e Pantanal que indica crescimento populacional e adoção de um estilo de vida mais sedentário e mais dependente da agricultura do milho e da mandioca. Inaugura-se, assim, uma nova maneira de manejar o ambiente e transformar a paisagem (Silva *et al.* 2004).

Com os deslocamentos populacionais que ocorreram na Amazônia e no Brasil Central se dá todo um rearranjo dos grupos sociais que habitavam o território que veio a ser o Brasil. Houve deslocamentos de populações e intensificação dos contatos interétnicos, ocorreu significativa interação social, que acabou por ter forte impacto na vida dos sambaquianos.

Inicialmente, os contatos entre os sambaquianos e os ceramistas parecem ter se restringido a trocas eventuais, o que explica a presença de cerâmicas nos últimos níveis de ocupação de alguns sambaquis da Região dos Lagos

3. Plens (2008) chega a mesma interpretação para o sambaqui do Moraes, no vale do Ribeira, São Paulo.

(Kneip & Machado 1993; Kneip, 1994; Crancio & Kneip 1994). Por volta do início da era Cristã, observam-se mudanças na estratigrafia de alguns sambaquis: trata-se da presença de uma matriz terrosa, de cor marrom escura, com poucas conchas de moluscos, que se sobrepõe a uma matriz conchifera (para uma boa descrição ver Fish *et al.* 2000; Bendazzoli 2007; Guimarães 2007).

Vários pesquisadores notaram essas alterações no pacote arqueológico e ressaltaram o menor predomínio de conchas entre os materiais que compõem os últimos níveis de ocupação. Alguns sugerem a influência de mudanças ambientais para explicar as alterações notadas nos sítios arqueológicos como os que integram a Região dos Lagos. Porém, estas transformações no ambiente não foram confirmadas para a área em questão, já que Scheel-Ybert (1998, 1999), a partir de estudos antracológicos, aponta para estabilidade ambiental. Esta alteração no registro arqueológico dos sambaquis foi tomada, também, como reflexo de mudança na dieta alimentar (Kneip 1980, Lima 1991, Dias Júnior 1980), interpretação que se coaduna com o ideário da época, que considera os sambaquis como formados a partir do acúmulo de restos alimentares.

A distribuição espacial e temporal dos sítios de ceramistas, também, aponta para a ocupação do território sambaquiano. As aldeias relacionadas com os Macro-Jê, muito provavelmente testemunhos da presença Goitacá, denominadas de Grande do Una, Sapeatiba e Frexeiras, estão todas situadas na planície litorânea da Região dos Lagos, território que até 2 mil atrás era domínio exclusivo dos sambaquianos (Gaspar *et al.* 2004).

Guimarães (2007) deu continuidade às pesquisas realizadas por Lina Kneip no Complexo Lagunar de Saquarema, e estudou 26 sítios entre sambaquis, aldeias Tupinambá e sítios relacionados com a tradição Una. Investigou, também, as mudanças que ocorreram no universo simbólico e as correlacionou com a invasão do território dos sambaquianos por grupos ceramistas, especialmente o aparecimento de uma nova maneira de tratar os mortos, que passam a ser cremados.

Para se avaliar o impacto da invasão dos ceramistas é preciso considerar que o cerne da sociedade sambaquieira parece ter sido garantir a preservação dos corpos; para os mortos foi criado local especial que se destaca na paisagem e se distingue de todos os outros. Para receber os corpos, os sambaquianos escolheram material que assegurasse a preservação dos seus

mortos. Com o acúmulo de conchas, criaram uma interferência no ambiente que alterou a acidez típica do solo brasileiro. Esse mesmo cuidado com os corpos levou à construção de cercas no entorno do corpo, a profundidade e a espessura das estacas impediram a ação de animais carniceros e resultaram na preservação de esqueletos em posição anatómica (Gaspar *et al.* 2007).

Dessa forma, pode-se imaginar o impacto da invasão do território sambaquiano. Os Tupi e os Macro-Jê eram guerreiros e ávidos pela destruição e/ou ingestão dos corpos dos "outros". E nesse novo contexto social com intensa interação cultural que se pode entender o colapso do modo de vida sambaquiano e o abandono do projeto de construir sambaquis.

Demografia, saúde, economia e vida cotidiana

Muitos arqueólogos estudaram a estratigrafia e/ou o conteúdo das camadas estratigráficas com o intuito de estabelecer a dieta alimentar. Como já foi dito, Figuti (1992) rompeu com a abordagem "impressionista" do conteúdo do pacote estratigráfico que forma o sambaqui na qual as conchas dos moluscos, por serem mais resistentes aos processos de decomposição do que os demais restos faunísticos e se sobressaíram nos perfis arqueológicos, foram tomadas como um indicador de que a base da dieta alimentar era a coleta de moluscos. Até então os estudos de zooarqueologia apoiavam-se na coleta seletiva dos materiais durante as escavações. A inovação é decorrente do fato de tratar o próprio sedimento como artefato, transportando porções do mesmo para o laboratório, onde todas as frações são analisadas e identificadas. Figuti buscou, ainda, correlacionar restos faunísticos com a quantidade de carne correspondente e constatou que moluscos haviam contribuído muito pouco como alimento. Figuti e suas orientandas, Daniela Klokler e Paula Nishida, exploraram a mesma vertente de pesquisa nos sambaquis Espinheiros II e Jabuticabeira-II, em Santa Catarina e confirmaram a importância da pesca na dieta alimentar dos sambaquianos (Figuti e Klokler 1996, 2000; Klokler 2001, 2008; Nishida 2007).

Dione Bandeira (2004) reviu os materiais procedentes dos sambaquis de Santa Catarina e chegou ao mesmo resultado. Já De Masi (1999) aplicou uma nova técnica de estudo que consiste na análise química de ossos humanos provenientes dos sítios, também de Santa Catarina e mais uma vez

obteve confirmação sobre a baixa representatividade dos moluscos na dieta alimentar dos pescadores-coletores. Avaliação também confirmada pelas análises realizadas por Klokler (2008) com material proveniente do sambaqui de Jabuticabeira II, Santa Catarina.

Horas seguídas de trabalho com a lupa e análise química de ossos sepultaram para todo o sempre a ideia audaciosa de que um grupo teria habitado a costa brasileira, ambiente extremamente fértil, e estruturado a sua dieta alimentar na ingestão de moluscos.

Finalmente os peixes foram colocados em seu devido lugar, a sua captura com redes de arrasto apontava para a presença de trabalho social orquestrado, talvez da mesma natureza do que ao longo de anos acabava por construir o próprio sambaqui (Gaspar & DeBlasis 1992). Chegou o momento de dar o mesmo destaque aos vegetais. A sua melhor expressão, os carvões, foi registrada pelos pesquisadores, mas o interesse sempre recaiu na possibilidade de obter referências cronológicas através de datações radiocarbônicas ou para caracterizar estruturas que integram o pacote arqueológico. No Rio de Janeiro, Turner II & Machado (1983), ao analisarem a incidência de cáries e o padrão de desgaste de dentes da população do Corondó, chamaram a atenção sobre o consumo de vegetais. Tenório (2003) ao analisar os artefatos líticos dos sambaquis cariocas, e sistematizar informações provenientes de cronistas e etnografias, também ressaltou a importância do consumo de vegetais para os sambaquianos.

Rita Scheel-Ybert (1998) inaugurou, com sua tese, uma nova linha de pesquisa, tendo como objeto de estudo os carvões que compõem o sambaqui. A partir de estudos antracológicos elaborou a primeira reconstrução da cobertura vegetal no entorno dos sambaquis do Forte, Boca da Barra, Salinas Peroano, Meio, Ponta da Cabeça, Beirada e Pontinha, todos na Região dos Lagos. Estabeleceu que estes sambaquianos tinham o hábito de coletar madeira morta para preparar os seus fogos e obteve indícios de coleta preferencial de algumas espécies, em particular a *Dioscorea* sp. Identificou, ainda, alguns exemplares de tubérculos. Um número pequeno de exemplares, mas se levamos em conta a dificuldade de preservação deste material pode-se considerar a presença significativa deste tipo de vegetal no assentamento dos sambaquianos. Tendo a certeza que elementos de difícil conservação só serão identificados em amostras de grande porte, elaborou com colegas um protocolo para coleta antracológica, que pode ser reproduzido por pesqui-

sadores e que tem o mérito de contemplar, também, o estudo de restos faunísticos e ser uma primeira abordagem em sítios que não apresentam seções internas expostas que permitam a orientação de escavações. (Scheel-Ybert *et al.* 2006). A ideia que está por trás da elaboração de um "protocolo" é que só a partir da análise de amostras significativas como a que foi estudada por Scheel-Ybert e da replicação deste tipo de pesquisa em vários sambaquis será possível obter informações, ainda raras, através do estudo dos carvões sobre o uso dos vegetais.

Dando continuidade aos estudos relacionados com o sistema de abastecimento dos sambaquianos, pesquisadores reuniram-se no simpósio Sobreros da Costa, SAB 2001, e decidiram sistematizar resultados de diferentes áreas de estudo, a fim de apresentar um panorama do conhecimento sobre o modo de vida dos pescadores-coletores, com ênfase na busca de novas perspectivas sobre a presença de recursos vegetais na economia desta sociedade (Gaspar 2001). Uma abordagem multidisciplinar que reúne arqueólogos e bioantropólogos, praticamente inédita na arqueologia brasileira, permitiu novas interpretações sobre estes aspectos, em especial no que se refere à economia de combustível, indicadores de saúde e de atividades e ao uso de vegetais.

O intercâmbio científico inaugurado no simpósio reuniu um número maior de pesquisadores em torno da produção do artigo "Sistema de subsistência e modo de vida dos construtores de sambaquis" (Scheel-Ybert *et al.* 2008). Através de uma abordagem multidisciplinar, foram sintetizadas as informações sobre os sambaquis do Forte, Salinas Peroano, Boca da Barra, Ponta da Cabeça, Beirada, Pontinha, no Rio de Janeiro, Tenório e Piaçaguera, em São Paulo, Rio Comprido, Morro do Ouro, Jabuticabeira II, Cabeçuda I, Cabeçuda II, em Santa Catarina. Os resultados confirmaram a importância das plantas para a sociedade sambaqueira, fornecendo bases mais sólidas para o debate sobre manejo e cultivo de plantas. Destacaram que os vegetais, além de servirem como comida e combustível, eram utilizados, também, para trabalhos manuais e para a construção de habitações, cercas e canoas. A existência das embarcações é sugerida pela ocupação de ilhas e pela captura de peixes de águas profundas (Gaspar 2000). Alguns dos trabalhos de madeira com certeza foram produzidos com os machados de pedra frequentemente encontrados em sambaquis (DeBlasis *et al.* 1998).

Os sítios eram localizados estrategicamente para aproveitar áreas ricas em pescado e moluscos, assim como mangues e florestas. Sua organização espacial, sempre em grupo, indica estabilidade territorial. Nos sítios estudados, os sambaquianos ocuparam o mesmo espaço por vários séculos, sem períodos de abandono dos sítios. A estabilidade ambiental pode ter sido um fator decisivo para a expansão dos sambaquianos, sedentarismo, manutenção de seu sistema sociocultural e desenvolvimento da horticultura, pelo menos em alguns sítios (Gaspar 1998, Scheel-Ybert, 1999).

Os perfis encontrados para as infecções, tanto na infância como entre os adultos, e a baixa frequência de traumas por causas violentas relatada na literatura (Lessa & Medeiros, 2001; Storto *et al.* 1999) igualmente sugerem um modo de vida sedentário e a resolução de conflitos sem que o embate corporal tenha sido uma prática social. A abordagem bioantropológica e análise lítica também forneceram indicações significativas da grande importância das plantas na alimentação dos sambaquianos, o que é inferido pelas frequências de cáries e pelo padrão de desgaste dentário observado em alguns sítios, assim como pela abundância de artefatos para moer.

Os primeiros relatos sobre fitólitos e grãos de amido em cálculos dentários atestam a importância do consumo de plantas pelos sambaquianos (Reinhard & Eggers, 2003). Posteriormente, Wesolowski (2007) e Wesolowski *et al.* (2007) em estudo pioneiro sobre cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta em esqueletos provenientes dos sambaquis Morro do Ouro, Enseada I e Forte Marechal Luz, em Santa Catarina, concluiu que os grânulos de amido e os fitólitos encontrados apontam para o consumo de tubérculos, incluindo carás, e provavelmente batata doce e *Aracea*, talvez milho e pinhão, e produtos originados do processamento de palmeiras. A grande variação na prevalência de diversas patologias sugere modos de vida diferenciados, estratégias de subsistência diversas e um sistema de assentamento bem mais intrincado e complexo do que suposto anteriormente. Esta complexidade social também é sugerida pela dimensão monumental de alguns sambaquis, pela existência de sítios exclusivamente funerários, elaborados festins fúnebres e oferendas mortuárias, e pela seleção de algumas espécies de madeira, seja por razões econômicas ou cerimoniais (Scheel-Ybert, 1999). Bianchini *et al.* (2007) apontam a escolha de *Ocotea*, da família *Lauraceae*, para fabricação de esta- ca que cerca um dos sepultamentos estudados no sambaqui Jabuticabeira

I. A sua alta resistência associado à liberação de odores agradáveis pela volatilização dos óleos essenciais quando em contato com o fogo parecem ter sido as características que nortearam a escolha.

A localização dos sítios, assim como os estudos paleopatológicos, químicos e zooarqueológicos, apontam para uma estratégia de subsistência essencialmente baseada em recursos aquáticos. A coleta de moluscos, embora importante em seu sistema socioeconômico, é atualmente vista como secundária na composição da dieta. Restos de fauna terrestre são relativamente raros, confirmando que os peixes eram o principal alimento de origem animal. As plantas tiveram uma contribuição mais importante para a dieta dos sambaquianos do que é usualmente admitido. Sua dieta era ampla, incorporando uma grande variedade de plantas selvagens, e provavelmente algumas cultivadas, as quais provavelmente incluíam algumas espécies com potencial cariogênico.

Embora a área de captação de recursos dos sambaquieiros, ou seja, o espaço onde estão localizados os recursos fundamentais ao funcionamento diário de uma sociedade, tenha sido preferencialmente a faixa litorânea, a exploração de madeiras para uso ritual aponta para um território bem mais amplo que integra porções interiores do Brasil (Vita-Finzi & Higgs 1970, Roper 1979). A prática de manejo ou de cultivo incipiente (horticultura) de espécies tuberosas e árvores frutíferas é sugerida em todos os sítios do sudeste brasileiro estudados, e pelo menos em alguns dos sítios do sul (Scheel-Ybert *et al.* 2003).

Em pleno século XXI, as pesquisas indicam que os sambaquianos tinham uma dieta muito mais balanceada do que se imaginava anteriormente. Sabe-se que há, também, especificidades regionais e até mesmo particularidades em relação a determinados sambaquis, pois não parece haver indícios de uma dieta padronizada para a costa sul e sudeste (Wesolowski 2007). Esta constatação reforça a ideia que começa a ganhar força na arqueologia brasileira de que interpretações consistentes são decorrentes de projetos temáticos de longa duração e do intercâmbio científico entre pesquisadores de diferentes disciplinas em torno de um objetivo comum.

Bibliografia

- BANDEIRA, D. Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga – Arqueologia e Etnicidade. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2004.
- BARRETO, C.N.G.B. *A ocupação do vale do Ribeira do Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. São Paulo. 339p. 1988.
- BARRETO, C. A construção do passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Dossiê antes de Cabral: Arqueologia Brasileira 1. Revista da USP*: 32 – 51, 2000.
- BECK, A. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis do litoral de Santa Catarina*. Erechim, RS: Habilis 348 p (Clássicos em Arqueologia), [1972] 2007.
- BENDAZOLLI, C. *O processo de formação dos sambaquis: uma leitura etnográfica do sítio Jabuticabeira II, SC*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2007.
- BIANCHINI, G.F., SCHEEL-YBERT, R., GASPARGAR, M.D. Estaca de *Lauraceae* em contexto funerário (sítio Jabuticabeira-II, Santa Catarina, Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo. 2007.
- CRANCIO, F.; KNEIP, L. M. A cerâmica. Documento de Trabalho Série Arqueologia, Rio de Janeiro, v. 2, p. 23-28, 1994.
- DEBLASIS, P.A.D.; FISH, S.K.; GASPARGAR, M.D. & FISH, P.R. Some references for the discussion of complexity among the sambaqui mound-builders from the southern shores of Brazil. *Revista de Arqueologia Americana* 15: 75-105, 1998.
- DEBLASIS *et. al.* Sambaquis e Paisagem: dinâmica natural e arqueologia regional no litoral do sul do Brasil. *Arqueologia Suramericana*, v. 3, p. 28-61, 2007.
- DE MASI, M. A. Prehistoric Hunter-Gatherer mobility on the Southern Brazilian Coast: Santa Catarina Island. Unpublished PhD Dissertation. Stanford University, 1999.
- DIAS JÚNIOR, O.F. Rio de Janeiro: a tradição Itaipu e os sambaquis. *In: SCHMITZ, P.E. et. al.* (eds.). *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, (7): 33-42, 1980.
- FIGUTI, L. *Les sambaquis COSIPA (4200 à 1200 ans BP): étude de la subsistance chez les peuples préhistoriques de pêcheurs-ramasseurs de brèches de la côte centrale de l'état de São Paulo, Brésil*. Thèse de Doctorat, Museum National d'Histoire Naturelle, Institut de Paleontologie Humaine, Paris. 212p. 1992.
- FIGUTI, L. & KLÖKLER, D. Resultados preliminares dos vestígios zoológicos do sambaqui Espinheiros II (Joinville, SC). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, São Paulo, v. 6, p. 169-188, 1996.
- FIGUTI, L. & KLÖKLER, D. Aspectos da formação de um sambaqui. Análise de sedimentos. *In: Simpósio Internacional de arqueologia de Las Tierras Bajas*, 2000, Montevideo. p. 315-330. 2000.
- FISH, S.K.; DEBLASIS, P.A.D.; GASPARGAR, M.D. & FISH, P.R. Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do estado de Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 10: 69-87, 2000.
- GASPARGAR, M.D. *Aspectos da Organização de um Grupo de Pescadores, Coletores e Caçadores: Região Compreendida entre a Ilha Grande e o delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Universidade de São Paulo. São Paulo. 362p, il., 1991a.
- GASPARGAR, M.D. Espaço, rito e identidade pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, n. 8 (2), São Paulo, 221-237, 1995.
- GASPARGAR, M.D. Aspectos da organização social de pescadores-coletores: região compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Rio de Janeiro. *Pesquisas, Série Antropologia* n. 59. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 2003.
- GASPARGAR, M.D. Considerations of the sambaquis of the Brazilian coast. *Antiquity* 72: 592-615, 1998.
- GASPARGAR, M.D. Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.
- GASPARGAR, M.D. Soberanos da Costa. *In: Reunião Científica da SAB*, 2001, Rio de Janeiro. Reunião Científica da SAB. v. 1. p. 1-18, 2001.
- GASPARGAR, M.D. & DEBLASIS, P. Construção de Sambaquis. *In: Reunião Científica da SAB*, 1992, Rio de Janeiro. Reunião Científica da SAB, v. 4. p. 811-820. 1992.
- GASPARGAR, M.D.; TENÓRIO, M.C.; BUARQUE, A.; GUIMARÃES, M.; CORDEIRO, J.; SCHEEL-YBERT, R. Histórico e principais resulta-

- dos do Projeto de Investigação: O aproveitamento ambiental das populações pré-históricas do Rio de Janeiro. Arquivos do Museu Nacional, v. 62, n. 2, p. 103-129, 2004.
- GASPAR, M.D.; BUARQUE, A.; CORDEIRO, J.; ESCORCIO, E. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 17, p. 25-35, 2007.
- GUIMARÃES, M.B.C. Revisitando conceitos: a estrutura social dos pescadores-coletores pré-coloniais. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 13: 261-267, 2003.
- GUIMARÃES, M.B.C. A ocupação pré-colonial da Região dos Lagos, RJ: sistema de assentamento e relações intersociedadeis entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas tupinambá e da tradição Una. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, 2007.
- KLÖKLER, D. Construindo ou Deixando um Sambaqui: Análise de Sítios de um Sambaqui do Litoral Meridional Brasileiro. Processos Formativos. Região de Laguna-SC. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, USP, 2001.
- KLÖKLER, D. Food for Body and Soul: Mortuary Ritual in Shellmounds (Laguna-Brazil). Tese de Doutorado. University of Arizona, USA, 2008.
- KNEIP, L.M. A seqüência cultural do sambaqui do Forte - Cabo Frio, Rio de Janeiro. *Pesquisas, Série Antropologia* n. 31. Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo. 87-100, 1980.
- KNEIP, L.M. Cultura material e subsistência das populações pré-históricas de Saquarema, RJ. Documento de Trabalho Série Arqueologia, Rio de Janeiro, v. 2, p. 3-6, 1994.
- KNEIP, L.M. & MACHADO, L.M.C. Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. *Documentos de Trabalho, Série Arqueologia*, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1:1-76, il, 1993.
- LESSA, A. & MEDEIROS, J. Reflexões preliminares sobre a questão da violência em populações construtoras de sambaquis: análise dos sítios Cabeçuda (SC) e Arapuã (RJ). In: XI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2001, Rio de Janeiro. Resumos do XI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2001.
- LIMA, T.A. *Dos Mariscos aos Peixes: um Estudo Zoológico da Mudança de Subsistência na Pré-História do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. São Paulo. 691p, 1991.
- LIMA, T. A., MAZZ, J. M. L. La emergencia de complejidad entre los cazadores-recolectores de la atlántica meridional sudamericana (Brasil y Uruguay). Revista de Arqueologia Americana, v. 17/19, p. 129-175, 2001.
- MAUSS, M. "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades Esquimó". In: *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. São Paulo: EPU/EDUSP. p. 237-321. 1974.
- NEVES, W. Estilo de vida e osteobiografia: a reconstrução do comportamento pelos ossos humanos. *Revista de Pré-História*. Universidade de São Paulo. São Paulo v.6 (287-291), 1984a.
- NEVES, W. Antropologia física e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina, Brasil. *Revista de Pré-história*. Universidade de São Paulo. São Paulo v. 6 (467-477), 1984b.
- NEVES, W., UNGER, P. & SCARAMUZZA, C.A.M. Incidência de câries e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina. *Revista de Pré-história*. Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 6 (371-380), 1984.
- NISHIDA, P. *A coisa ficou preta: estudo do processo de formação da terra preta do sítio arqueológico Jabuticabeira II*. Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2007.
- PLENS, C. R. *Sítio Moraes, uma bibliografia não autorizada: análise do processo de formação de um sambaqui fluvial*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2008.
- PROUS, A. *Les sculptures zoomorphes du sud brésilien et de l'Uruguay*. Braga: Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. 1977.
- RAUTH, J.W. O Sambaqui do Gomes S.11.B. *Série Arqueologia*, Curitiba, Publicação do Conselho de Pesquisas, UFPR, (4):1-100, il, 1968.
- RAUTH, J.W. Subsídios para a arqueologia dos Sambaquis. *Boletim do Museu de Antropologia e Arqueologia Cornélio Procópio*, Paraná, 1:49-54, 1976.
- REINHARD, K.J.; EGGERS, S. Análise de sedimentos contidos em seipultamentos. In: XII Congresso da sociedade de Arqueologia Brasileira,

- 2003, Rio de Janeiro. Anais do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.
- RICK, K. The relative chronology of cultural episodes at the Coastal Sambaqui Jabuticabeira II, in Santa Catarina, Brazil. Unpublished Masters Thesis. University of Arizona, Tucson. 2000.
- ROPER, D. C. The Method and Theory of Site Catchment and Analysis: A Review. *Advances in Archaeological Method and Theory* 2:120-143. 1979.
- SCHEEL-YBERT, R. Stabilité de l'Écosystème sur le Littoral Sud-Est du Brésil à l'Holocène Supérieur (5500-1400 ans BP). *Les Pêcheurs-Cueilleurs-Chasseurs et le Milieu Végétal: apports de l'Anthracologie*. Thèse de Doctorat. Université de Montpellier II, França, 1998.
- SCHEEL-YBERT, R. Paleoambiente e paleoetnologia de populações sambaquieiras do sudeste do Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, v. 9, p. 43-59, 1999.
- SCHEEL-YBERT, R. *et. al.* Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar. *Revista de Arqueologia* (Belém), São Paulo (2006), v. 16, p. 109-137, 2003.
- SCHEEL-YBERT, R.; KLÖKLER, D.; GASPAR, M.D.; FIGUTI, L. Proposta de amostragem padronizada para macrovestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 15-16, p. 139-163, 2006.
- SCHEEL-YBERT, R. *et. al.* Subsistence and life-way of Brazilian sambaqui builders. *Treballs d'etnoarqueologia*, 2008.
- SERRANO, A. The sambaquis of the Brazilian Coast. In: *Hand Book of South American Indians*. Ed. Steward, J. H., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology. Vol 1 (401-407) Washington, 1946.
- SEYFERTH, G. A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda. *Revista do Museu Paulista*. Nova Série, volume XXX. Universidade de São Paulo p 81-98, 1985.
- SILVA, F. A.; NEVES, E. G.; BLASIS, P. Catálogo Exposição Brasil Tupi: no acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. São Paulo: Caixa Econômica Federal (Catálogo), 2004.
- SOUZA, S. M. F. M. Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, ENSP. 1995.
- STORTO, C.; EGGERS, S.; LAHR, M. M. Estudo preliminar das patologias da população do sambaqui Jabuticabeira II, Jaguaruna-SC. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 61-71. 1999.
- TENÓRIO, M. C. O Lugar dos Aventureiros: Identidade, Dinâmica de Ocupação e Sistema de Trocas no Litoral do Rio de Janeiro há 3.500 anos Antes do Presente. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS. 2003.
- TURNER II, C. & MACHADO, L. C. A New Dental Wear Pattern and Evidence for High Carbohydrate Consumption in a Brazilian Archaic Skeletal Population. *American Journal of Physical Anthropology* 61:125-130, 1983.
- VAN GENNEP, A. Os Ritos de Passagem. Ed. Vozes, Petrópolis. 1978.
- VITA-FINZI, C. & HIGGES, S. Prehistoric economy in the Mount Carmel area of Palestine: Site catchment analysis. *Proceedings of the Prehistoric Society*, v. 36:1-37, 1970.
- WESOLOWSKI, V. Cáries, desgaste, cálculos dentários e micro-resíduos da dieta entre grupos pré-históricos do litoral norte de Santa Catarina: é possível comer amido e não ter cárie? Tese de Doutorado em Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2007.
- WESOLOWSKI, V.; SOUZA, S.; REINHARD, K.; CECCANTINI, G. Grânulos de amido e fitólitos em cálculos dentários humanos: contribuição ao estudo do modo de vida e subsistência de grupos sambaquianos do litoral sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 191-210, 2007.